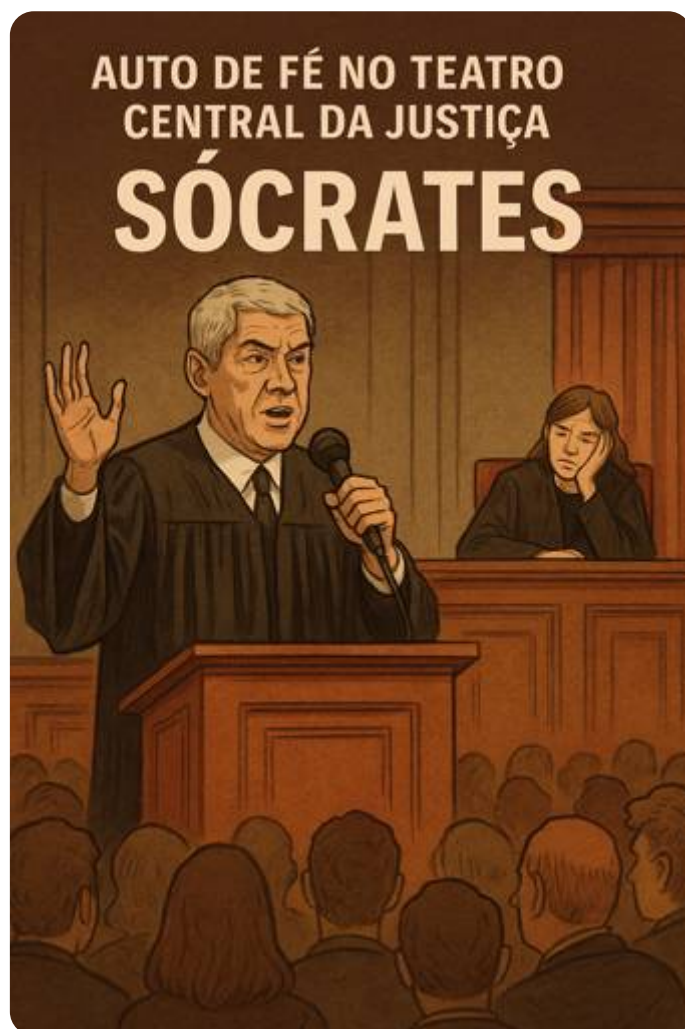


🎭 Crónica Diária – Auto de Fé no Teatro Central da Justiça

Publicado em 2025-07-08 17:46:30



Onde o réu se defende como mártir, a juíza como educadora de infância, e a justiça... como figurante envergonhada

Lisboa, 8 de julho.

Chovia arrogância sobre o tribunal.

O chão rangia com os passos do palhaço-mor do reino, agora **auto-advogado, filósofo de ocasião e mártir em missão**

pública.

José Sócrates entrou em cena como quem vem salvar o país de si mesmo —
e o país... nem pestanejou.



A entrada triunfal

Mal se sentou, começou o número:

"Isto tudo é uma perfídia total!" — gritou,
"Uma intrujice de dez anos!" — reiterou,
"Não há provas!" — assegurou,
"Sou inocente!" — berrou com a convicção de quem já escreveu o guião.

Sim, Sócrates defendeu-se sozinho.

Porque confiar em advogados seria demasiado vulgar —
e porque ninguém encena o delírio como ele mesmo.



A juíza e a paciência esgotável

A magistrada, digna como um piano desafinado,
tentava manter a pauta do processo.
Mas viu-se obrigada a dizer:

"Deixe de insinuar que tenho défice cognitivo."

(E ali, por um segundo, o país inteiro ouviu o som agudo da dignidade a ser esbofeteada.)

Um interrogatório ou um solilóquio shakespeariano?

Em vez de responder, Sócrates perguntou.

Em vez de explicar, teorizou.

Interrompeu o promotor, pediu para falar,
acusou a procuradoria de delírio técnico,
e ainda arranjou tempo para fazer pedagogia política.

"Delírio", "perseguição", "invenção" — palavras gastas de tanto uso.

Um dicionário inteiro ao serviço da negação — mas sem uma única linha de arrependimento.

A arte de não ser julgado

Sócrates não quer ser julgado.

Quer ser lembrado.

Quer ser citado em rodapés, em painéis, em cafés.

E se for preso um dia — que seja preso em verso, como mártir de uma tragédia jurídica montada por pigmeus institucionais.

Conclusão: Portugal, o teatro dos espelhos partidos

Nesta sessão de tribunal, a Justiça foi mais uma vez atriz secundária.

A toga virou adereço.

O processo, guião.

E o tribunal, plateia constrangida.

José Sócrates não se defendeu.

Interpretou-se.

Com arrogância barroca, com lirismo grotesco.

E num país a sério, teria sido calado pela verdade.

Mas aqui...

aplaudido pelo silêncio.

Francisco Gonçalves

Cronista da farsa permanente — onde os culpados fazem de inocentes e os juízes de espectadores.

: